

IDOSAS LÉSBICAS: DUAS VEZES FORA DO ARMÁRIO

Ana Clara dos Santos Oliveira¹, Livia Raatz Marchi²,

Dione Fernando Domingos de Aguiar.³

¹ Autora. Acadêmica do curso de Psicologia do 4º ano na Universidade Paranaense - UNIPAR, campus Umuarama.

² Autora. Acadêmica do curso de Psicologia do 4º ano na Universidade Paranaense - UNIPAR, campus Umuarama.

³ Orientador. Professor no curso de Psicologia na Universidade Paranaense - UNIPAR, campus Umuarama.

IDOSAS LÉSBICAS: DUAS VEZES FORA DO ARMÁRIO

RESUMO:

No processo de envelhecimento existem estigmas que afetam diretamente a relação da sexualidade para a pessoa idosa. Suas funções biológicas sexuais são enfraquecidas pelo envelhecimento, onde considera-se que não há mais libido, ou seja, a ausência total do desejo sexual, onde socialmente esse grupo é visto como assexuado. Portanto, a sexualidade da pessoa idosa, quando explorada, se torna um escândalo, algo não natural. Dessa forma, este artigo discute sobre as dificuldades para superar os preconceitos e inserir idosas nas discussões a respeito da sexualidade, onde essa tarefa passa ser ainda mais difícil quando se fala sobre a homossexualidade feminina na velhice, onde além de superar preconceitos a respeito da própria velhice, enfrentam o processos de homofobia. Com a junção desses dois fatores, ser lésbica e idosa, essas mulheres passam a ter experiências específicas durante o decorrer da sua vida, distintas das realidades vivenciadas dentro do envelhecimento heterossexual.

Palavras-chave: Gerontologia LGBTQIA+; Idosa; Lésbica; Sair do Armário; Sexualidade.

LESBIAN OLD WOMAN: TWO TIME OUT OF THE CLOSET

ABSTRACT:

In the aging process, there are stigmas that directly affect the relation of sexuality for the elderly. Their biological sexual functions are weakened by aging, where it is considered that there is no more libido, in other words, the total absence of sexual desire, where socially this group is seen as asexual. Therefore, the sexuality of the elderly, when exploited, becomes a scandal, something unnatural. In this way, this article discusses the difficulties in overcoming prejudices and inserting elderly women into discussions about sexuality, in which this task becomes even more difficult when talking about female homosexuality in old age, where in addition to overcoming prejudices about their own old age, face the process of homophobia. With the combination of these two factors, being lesbian and elderly, these women start to have specific experiences during the course of their lives, different from the realities experienced within heterosexual aging.

Keywords: LGBTQIA+ Gerontology; Old woman; Lesbian; Come out of the closet; Sexuality

LESBIANAS ANCIANAS: DOS VECES FUERA DEL GABINETE

RESUMEN:

En el proceso de envejecimiento hay estigmas que afectan directamente la relación de la sexualidad para la persona mayor. Sus funciones biológicas sexuales son débiles debido al

envejecimiento, donde se considera que no hay mas libido, o sea, la ausencia total del deseo sexual, donde sexualmente este grupo se ve como asexual. Por lo tanto, la sexualidad de la persona anciana, cuando explorada, se convierte en un escándalo, algo antinatural. De esa forma, este artículo discutirá sobre las dificultades para superar los preconceptos y insertar las ancianas en las discusiones a respecto de la sexualidad, donde este laburo se ve más difícil cuando se habla sobre la homosexualidad femenina en la vejez, donde además de vencer los preconceptos de la propia vejez, enfrenta todavía procesos de homofobia. Con la unión de estos dos factores, ser lesbiana y anciana, estas mujeres pasan a tener experiencias específicas por el decorer de su vida, diferente de las realidades vivenciadas en el envejecimiento heterosexual.

Palabras claves: Gerontología LGBTQIA+; Anciana; Lesbiana; Salir de Gabinete; Sexualidad.

Introdução

É fato que o corpo da mulher jovem é alvo de objetificação, centro da sensualidade e sexualidade. Quando esse mesmo corpo é atingido pela idade inevitável, essas definições são substituídas por não-atraentes, inativos e, muitas vezes, considerados alvos de zombaria (BEAUVOIR, 1990). Segundo Vasconcellos (2004, p. 414), com o processo de envelhecimento e suas adaptações, os indivíduos encaram dificuldades para preservar a identidade pessoal, sobretudo, sobre sua sexualidade, que a sociedade atentamente vigia e apara, quando necessário. Dessa forma, é visível que velhice e sexualidade são temas tabus, ainda mais se são apresentados juntos, o que reflete pensamentos do senso comum: Mulheres idosas não têm vidas sexuais ativas, influenciando diretamente sobre o modo de viver e exploração da sua própria sexualidade (NEGREIROS, 2004).

Esse tema acaba por ser ainda mais obscuro quando se fala da homossexualidade nas mulheres idosas: O conceito de repulsivo passa a ser invisível onde, lésbicas idosas não existem na sociedade. Por isso, o “sair do armário”, no caso das mulheres idosas e lésbica, acaba sendo duas vezes mais significativo: Uma por apresentar sexualidade na velhice e outra por sua orientação sexual de fato (ARAÚJO, 2018).

Pode-se ressaltar, também, que a mulher idosa, muitas vezes, foi educada de forma muito diferente sobre a sua sexualidade, de maneira rígida, onde o ato sexual e erotismo eram tabus dos quais não se podiam questionar, que haviam apenas um propósito: Procriação, sem necessidade de se obter prazer. Do mesmo modo ocorre com a homossexualidade, vista, por vezes, como algo errado e, pregado como pecado, principalmente para aquelas que cresceram em uma doutrina católica. Portanto, idosas lésbica, por vezes, cresceram sem a exploração da sua própria sexualidade, sendo atravessadas por preconceitos indiscutíveis no passado, e, pensamentos esses que ainda pode-se visualizar na sociedade atual.

Destarte, as idosas lésbicas acabam sendo atravessadas em diversos tipos de preconceitos por se apresentarem e explorarem sua sexualidade de forma livre, impactando diretamente em seu próprio projeto de subjetivação, sendo, quase sempre, invalidadas ou consideradas erradas em sua vivência.

Diante disso, o presente trabalho busca entender, através da revisão bibliográfica, os diferentes atravessamentos da idosa lésbica, como o próprio processo de envelhecimento, o ser mulher, principalmente, ser lésbica.

Envelhecimento e estigmas sociais

A construção da identidade do sujeito não se dá somente de forma individualizada e centrada em si, mas sim, em sua troca ao meio que está inserido. O ser, ao estar em constante contato com o mundo a sua volta, se apropria do grupo que está inserido, assim como, o auxilia a construir. De acordo com Sartre (1987), o homem existe, ao mesmo tempo, do seu próprio produto e constrói seu coletivo. Cada experiência horizontal contribui para modificá-lo e, ao mesmo tempo, sua paisagem coletiva. O ser faz parte daquele local.

Em vista disso, a construção social de determinadas ideias influenciam diretamente na vida do sujeito, pois está em contato direto e faz parte da mesma, influenciando em como visualiza o mundo e sua própria posição. Da mesma forma ocorre com o processo de envelhecimento, onde o sujeito passa por alterações individuais e, conseqüentemente, mudam o meio que estão inseridos. Para Santos (1994), a idade é, ao mesmo tempo, uma realidade biológica e sociocultural, que atribui papéis sociais específicos, expectativas e valores, influenciando a percepção que o sujeito tem sobre si, sobre o mundo e como interage com essa realidade. Segundo Beauvoir (1990), o idoso é considerado pelos jovens como alguém inferior, degradado, tanto em suas condições econômicas como sociais, o que faz com que tenham repulsas de sua própria pessoa.

Desse modo, o processo de envelhecimento é diretamente afetado pelos paradigmas do senso comum, principalmente com conotações negativas. De acordo com Santos (1994), a identidade pessoal é construída a partir das relações sociais que, quando vista negativamente, o sujeito que pertence a tal grupo poderá visualizar a si mesmo de modo negativo. Ou seja, no caso do idoso, o processo de envelhecimento e seus aspectos é influenciado diretamente de acordo com o meio que está inserido, em especial se visualizado como “ruínas do ser humano”.

Dentre os estigmas para a pessoa idosa que os afetam diretamente seria sua relação com a sexualidade. Suas funções biológicas sexuais são enfraquecidas pelo envelhecimento, onde considera-se que não há mais desejo sexual algum e conclui-se que são assexuados. Portanto, a

ideia de cenas sexuais entre idosos é considerada um escândalo, algo não natural (BEAUVOIR, 1990).

De acordo com Lemos (2015), o que de fato ocorre com a relação entre envelhecimento e sexualidade é uma readequação do corpo, baseado nas alterações que se apresentam com a passagem do tempo. Ou seja, a sexualidade continua presente independente da faixa etária, e acompanha o indivíduo até sua morte (SARTRE, 1997, p.303).

Além disso, a sexualidade é um fator importante para o bem-estar e qualidade de vida do sujeito, não considerando apenas o ato sexual ou sua genitália, mas sim, sua relação com o mundo exterior e consigo mesmo. Para Simone de Beauvoir (1990, p. 357) a sexualidade:

“É uma intencionalidade vivida pelo corpo, visando a outros corpos, e que abraça o movimento geral da existência. Ela se insere no mundo, ao qual confere uma dimensão erótica. Interrogar-se sobre a sexualidade dos velhos é perguntar-se como fica a relação do homem consigo mesmo, com os outros, com o mundo, quando desapareceu na organização sexual o primado da genitalidade.”

Apesar da importância da sexualidade, ainda segundo a autora, a pessoa idosa se comporta de acordo com que lhe é esperado, em cima dos padrões e estigmas, como o da própria castidade, e nega seus próprios desejos, se tornando escrava “do que vão dizer”, uma vez que teme o escândalo e o ridículo, pois esses desejos fazem com que a visualizam como uma “velha devassa”, ou seja, o tabu sobre a relação entre envelhecimento e sexualidade impactam diretamente como esses indivíduos exploram suas vontades e necessidades.

Mesmo que sejam conceitos que se aplicam a comunidade idosa no geral, o envelhecimento e sexualidade são vivenciados de formas diferentes entre homens e mulheres. Trata-se de uma construção social de gênero, onde atribui a imagem do feminino a passividade, dóceis aos homens e, principalmente, reprodutoras, dessa forma, ao masculino resta a autoridade, força e dominação, construindo uma relação anterior/posterior.. (HÉRITIER, 1996, 2002 apud KOVALESKI; TORTATO, 2016, p. 59).

Mesquita (2014) aponta como o sexo está relacionado a questões de valores e morais passados, que se apresentam em mulheres em processo de envelhecimento. Nesses discursos, é possível visualizar a degeneração de suas sexualidades, além da intermediação dos familiares, que geralmente buscam conter seus desejos. Considerando tais aspectos, existe a necessidade de se realizar recortes de gênero, em vista das construções diferentes em que cada um apresenta.

Os tabus acima do envelhecimento, influenciam na individualidade dos seres, afetando a forma de expressar e explorar sua sexualidade. Quando falamos da mulher idosa esses estigmas se

tornam ainda mais pesados. Desta forma, se faz necessário entender a sexualidade da mulher idosa, compreendendo seus processos de subjetivação e como esses influenciam em sua maneira de ser no mundo.

A mulher idosa e sexualidade

Biologicamente, a mulher idosa consegue expressar sua sexualidade com mais facilidade que o homem idoso (BEAUVOIR, 1990, p.388), entretanto, a mulher precisa passar por mais estigmas sociais do que o homem da mesma idade, em relação a sua sexualidade. Mesquita (2014), aponta como mulheres idosas apresentam dificuldades em desenvolver suas sexualidades, mesmo que solteiras ou viúvas, devido a uma construção histórica que as oprimem desde sua infância.

A construção social da mulher e sua sexualidade foi voltado a valores éticos e morais, valorizando a virgindade feminina, pois era uma forma das famílias, em especial as elites, de controlar seus corpos e comportamentos, zelando por seus status ao mesmo tempo (MATOS; ABRANTES, 2013 p. 3). Tais valores foram colocados a partir da Igreja e o Estado, que condenavam o prazer das mesmas, com toda a intolerância e religiosidade voltados a ela, enquanto o homem se encontrava em uma posição muito mais livre para transitar (PIMENTEL, 2005).

Dessa forma, o valor de sua virgindade era alto, conduzindo os comportamentos da mulher a vida em família, ao lar, a cuidar dos filhos e maridos. Portanto, durante séculos, o ato sexual era conduzido a ser apenas para a reprodução, não restando a outra função, como o prazer (OLIVEIRA; REZENDE; GONÇALVES, 2018), sendo consideradas puras e boas a partir desses parâmetros.

Para Mesquita (2014), muitos desses conceitos sofrem alterações a partir do ano de 1960, com o surgimento da pílula anticoncepcional, que permitiu desvincular o ato sexual a somente a reprodução, como anteriormente, e, assim, se torna possível controlar suas próprias maternidades. Apesar de vivenciar esse acontecimento durante sua juventude e uma nova experiência do que as gerações anteriores, com mais liberdades (MOTTA, 1999), a mulher idosa ainda não está livre para explorar sua sexualidade, pois, aos olhos de todos, aos 70 anos, deixou de ser sensual e erótico (BEAUVOIR, 1990). Além disso, deve-se considerar que a sexualidade não significa somente o ato sexual em si, mas sim, abrange sentimentos e afetos, o uso do corpo e seus prazeres (FOUCAULT, 1976)

A mulher tem seu destino fundado ao ser objeto do homem, principalmente de prazer. Durante o processo de envelhecimento, seu corpo já não é visto como desejável para o mesmo, e, então, é descartada, considerada feia, próximo a monstrosidade (BEAUVOIR, 1990). Dessa forma, a identidade da mulher, que antes poderia ser considerada por sua sensualidade e fonte do desejo, na velhice, passa a ser restringido ao âmbito familiar, com um dos únicos papéis que lhe

restam, principalmente, a de avó, amorosa (DANTAS, 2020), pois perde o lugar que era seu na sociedade, que, agora, beirando a infantilização e sempre paralelo à sexualidade. Seu corpo, nesse momento, é considerado alvo de ridicularização.

A própria família em si se torna um fator decisivo para explorar a própria sexualidade, pois, geralmente, os filhos negam a sexualidade da mãe idosa. “Em família, os filhos são geralmente os primeiros a negar a sexualidade dos pais, interpretam a necessidade sexual dos pais, isto quando admitem que ela existe como algo depreciativo, como sinal de segunda infância ou como sinal de demência” (RIBEIRO, 1999, p 125). Ou seja, a mulher ainda não conquista sua própria liberdade, e passa ser espionada dentro do seu próprio âmbito familiar, e, até mesmo, de seu próprio corpo (BEAUVOIR, 1970). Para a mulher idosa é negada toda a sua vida privada, é imposto para ela seja apenas um objeto de seu meio. Dessa forma, a mulher idosa assume uma posição mais discreta, com medo de ser ridicularizada (NEGREIROS, 2004).

Embora ainda existam grandes dificuldades para superar os preconceitos e inserir idosas nas discussões a respeito da sexualidade, essa tarefa passa ser ainda mais difícil quando se fala sobre a homossexualidade feminina na velhice, pois, a heterossexualidade é “obrigatória” nesse grupo (POCAHY, 2012). Assim, além de superar preconceitos citados a respeito da própria velhice e ideias machistas, ainda precisam enfrentar a homofobia que está presente em suas vivências, mas que se estende em outros meios, assim como se visualiza até mesmo no meio acadêmico, onde, apesar de que a velhice está sendo discutida nos dias atuais, o olhar sobre o envelhecimento é voltado a uma visão heteronormativa, que tende a ignorar o olhar a respeito daqueles que fujam desse padrão (HENNING, 2017, p 284).

Portanto, entendendo a complexidade do processo de envelhecimento para a mulher, como os estigmas envolvendo sua própria sexualidade, se tornam ainda mais fortes quando essa sexualidade foge da heterossexualidade esperada.

Idosa Lésbica

A homossexualidade feminina traz consigo estigmas por si próprio, pois foge do binarismo (homem x mulher) que a sociedade posiciona como correto. Segundo Dantas (2020), existe uma repulsa sociocultural sobre a mulher lésbica, que tenta desqualificar esse grupo como uma “não mulher”. Principalmente em décadas anteriores, o discurso sobre a homossexualidade feminina se localizava como uma disfunção, um problema a ser curado, pois entendia-se que a heterossexualidade era o natural a ser seguido, como aponta Navarro-Swain (2004):

“A constatação de que lesbianas eram fêmeas humanas perfeitamente constituídas fisicamente, nos casos estudados, levou a ideia do desvio, da doença, enquanto teorias explicativas de suas preferências sexuais. Porque, senão, como instituir a preferência heterossexual como natural? Cria-se a representação da homossexual inata, na qual as preferências sexuais estariam inscritas em seus genes, degenerados, criando assim uma predisposição incontornável. Doentes física e mentalmente, portanto” (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 55).

Assim, o discurso médico buscava justificar a atração entre duas mulheres como algo patológico, uma disfunção hormonal, uma “fase”, ou uma falha genética, pois, sua relação não era pautada na reprodução, o que considerava que a impossibilidade de ter filhos fosse negativo, improvável e não natural, visto a ideia de que todas as mulheres precisam e querem ter filhos, como o objetivo de vida sendo sempre voltado ao familiar (DANTAS, 2020).

Dessa forma, ainda de acordo com a autora, a idosa lésbica além de fugir do que se é esperado para a velhice que tem a imagem fortemente ligada a ideia de vó, cuidadora e, principalmente, assexuada, foge do que é esperado, também, de uma mulher. Sua existência é uma forte resistência a esse padrão, expressando sua sexualidade independente da sua idade, e, conseqüente, a sociedade que passa a excluir, desvia dos papéis sociais que eram impostos, e passa a ser vista como “indigna”, ou anormal (ARAÚJO, 2018).

Apesar dos estigmas sociais presentes, dentro da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersex, agêneros e mais), as idosas lésbicas também podem apresentar dificuldades em se relacionar. Santos e Lago (2013) discorrem sobre o que chamam de “homonormatividade”, isto é, um padrão que o grupo apresenta, do qual o envelhecimento não cabe, passando por um duplo preconceito. Segundo Galán e Sánchez (2006), a homonormatividade gera uma hierarquização e exclusão daqueles que não se encaixam, determinando estilos de vida e comportamentos a partir das “elites gays”. “Em sua juventude não era legítimo por ser homossexual, e, hoje, por ser velho e homossexual.” (SANTOS E LAGO, 2013, p. 122).

Portando, a mulher idosa passa por dois atravessamentos importantes: Por ser idosa e lésbica. Quando dentro do grupo de pessoas idosas, pode ser discriminada por ser lésbica, e dentro do grupo LBGBTQIA+, por ter a idade mais avançada.

É a partir dessa histórica realidade que idosas lésbicas fazem parte de um imaginário social, marcado por invisibilidade e sofrimento (DANTAS, 2020). Imagens de perda física e estética, sofrimento e desvalorização no mercado erótico marcam o grupo (HENNING, 2017).

Com a junção desses dois fatores, ser lésbica e idosa, esse grupo passa a ter experiências específicas durante o decorrer da sua vida, distintas das realidades vivenciadas dentro do

envelhecimento heterossexual (DANTAS, 2020). Dentre suas vivências distintas, se encontra o “assumir-se gay”, que passa a ser uma ruptura entre essas duas realidades.

O ATO DE SAIR DO ARMÁRIO.

O ato de “sair do armário” de se assumir homossexual, é ocorrido por diversas vezes, onde cada interação social que o indivíduo está inserido, são novos armários que se criam, onde novamente se deve escolher se assumir ou não, levando em conta todas as implicações psicossociais que estão neste processo (SEDGWICK, 2007).

Segundo Araújo (2018) processo de “sair do armário” para mulheres idosas, é que fazem parte de uma outra geração, que vivenciou momentos que a homossexualidade era criminalizada, e relações com pessoas do mesmo sexo eram tratadas como doença, e na velhice expor a sua sexualidade torna-se duplamente mais difícil a ação de “assumir-se gay”, a vivência da mulher idosa é alterada, principalmente dentro do seu meio social, onde, a construção da identidade que seu círculo tinha sobre a mesma forma uma ruptura com essa nova forma de se posicionar. “Tal situação envolve rupturas, mágoas e angústias diante do aceitar-se homossexual e assumir-se perante a família, os amigos e a sociedade” (DANTAS, 2020, p 29). Principalmente, que essa quebra pode vir juntamente, com diversas falas preconceituosas e violência, como “velha anormal”, “depravada”, “promíscua” (ARAÚJO, 2018).

Se assumir lésbica na velhice é um processo complexo, onde a mulher idosa passa pelos estigmas de que na velhice não existe desejo sexual, e que sua atração por alguém do mesmo sexo, é visto como algo repulsivo. Desta forma, “sair do armário” é algo que afeta seus modos de subjetivação, sendo um processo realizado duplamente, que é possuir desejo sexual e ser uma idosa desejada e desejante por outra mulher.

POR QUE DUAS VEZES FORA DO ARMÁRIO?

Um fator marcante para a homossexualidade seria o ato de “assumir-se gay” que se torna uma forma de ruptura de dois estigmas que é esperado da mulher idosa: Uma por assumir, ter sua sexualidade ativa, que faz quebra com a “velhice assexuada” e outra por ser lésbica, onde, geralmente, a velhice é vista de uma forma heteronormativa (DANTAS, 2020). O ato de “sair do armário” representa uma forte realidade das mesmas, pois, no envelhecimento existe a “heterossexualidade obrigatória” (POCAHY, 2012), e se torna uma forma de se apresentar ao mundo, se reafirmar diante dos padrões existentes como inatos até então.

Portanto, para a idosa e lésbicas se “assumir” em sociedade se torna duas vezes fora do armário: Sendo, a primeira, assumir a sua sexualidade independentemente da idade, e outra, ser homossexual, duas quebras de padrões significativas na vida dos indivíduos.

Dessa forma, percebe-se como a idosa lésbica é atravessada no decorrer da vida e, que suas representações sociais se voltam a aspectos de sofrimento, abandono e invisibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, vivencia-se um crescente número populacional dos indivíduos de terceira idade, o que contribuiu com o número de obras a respeito dessa faixa etária, que passam a discutir novas formas de envelhecimento, mais ativo, fisicamente e socialmente. Políticas públicas a respeito desse grupo também se tornaram alvo de debate e atenção para o Estado, e, conseqüentemente, para a sociedade. Contudo, esse grupo não está próximo a visibilidade, e, dentro do senso comum, costuma ser desconsiderado por se caracterizar como “fim da vida”.

Além disso, embora esse desenvolvimento ocorra em todas as pessoas, não é um fenômeno vivido igualmente a todas, e as obras e debates dedicados ao envelhecimento são, em sua maioria, dedicados ao idoso em um formato “padrão”, sem qualquer singularidade, ou seja, sem recorte de classe, etnia ou gênero. Assim, esses trabalhos desenvolvidos não compreendem a complexidade do processo de envelhecimento, ou, os compreendem de um grupo específico.

Mesmo quando há debates a respeito do envelhecimento LGBTQIA+, geralmente, apresentam a respeito dos idosos gays, que, de fato, também merecem ser visibilizados, porém, costumam ter maior atenção e trabalhos desenvolvidos em comparação às idosas lésbicas. Este artigo pretendeu apresentar um pequeno recorte da realidade desse grupo e seus atravessamentos durante o decorrer da vida, que perpassam em suas identidades: Mulher, idosa e lésbica. Cada um desses aspectos são considerados invisíveis na sociedade.

É evidente que a comunidade LGBTQIA+ tem ganhado espaço, porém, ainda existem lacunas ao se debater mulheres lésbicas, como, por exemplo, no mercado erótico, onde até a publicação desse artigo, não há políticas desenvolvidas a saúde sexual, como a camisinha, por exemplo. Se, na juventude, a homossexualidade feminina é desconsiderada, o que ocorre no envelhecimento?

Porém a invisibilidade não se limita apenas entre o senso comum e sociedade, recai sobre a quantidade de trabalhos científicos desenvolvidos, que é extremamente limitado. Assuntos sobre a atividade sexual na velhice e envelhecimento ativo, por exemplo, são em maior parte, heterossexuais.

Essa infeliz realidade distancia da diversidade que envolve as expressões e experiências da velhice, que se encontra, até os dias de hoje, rodeada por tabus e estigmas. Discutir o envelhecimento em sua integralidade e inserir seus diferentes meios requer um novo movimento de estudos, focados nesses grupos considerados minoria, como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, englobando a comunidade queer. Para que tal acontecimento seja efetivado, é preciso evidenciar sua insuficiência na complexidade do que é ser idoso.

Entender essa insuficiência inclui todos os seus aspectos, até mesmo, nas representações que a mídia produz sobre o envelhecimento feminino, onde, geralmente, é voltado a uma avó, mãe e esposa, dedicada à família, sem quaisquer evidências dos objetivos fora do seu meio.

Portanto, é necessário acolher, evidenciar e ouvir as idosas lésbicas, entender suas relações e atravessamentos e considerá-los ao tentar desenvolver formas saudáveis de se lançar no mundo para as pessoas na velhice.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, A. C. F. **Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos**. UNILUS Ensino e Pesquisa, v. 12, n. 29, p. 34–41, 12 fev. 2016.

Araújo, L. F., & Carlos, K. P. T. **Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT**. Psicol. Conoc. Soc., Montevideo, v. 8, n. 1, p. 188-205, mayo 2018.

Beauvoir, S.(1990).**A velhice**. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

DANTAS, Anne Joyce Lima. **Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade**. Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. Originalmente publicado em 1976.

HENNING, C. E. **Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”**. Horizontes Antropológicos, v. 23, n. 47, p. 283–323, abr. 2017.

KOVALESKI, Na dia Veronique Jourda; TORTATO, Cintia de Souza Batista. **Reflexões sobre as origens das desigualdades de gênero: A teoria da valência diferencial dos sexos de Françoise Héritier.** Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v.9, n. 34, p. 58 - 71, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/viewFile/6201/3852>>

LEAL, M. G. S.; MENDES, M. R. O. **A geração duplamente silenciosa: velhice e homossexualidade.** Revista Portal de Divulgação, n. 51, 2017. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/642/710>. Acesso em: 20 de out, 2022.

LEMOS, Alex Eduardo. **Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos.** 2015. 72 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136072>>.

MATOS, P. R.; ABRANTES, E. S. **Virgindade, uma questão de honra.** Anpuh, Natal, p. 1-11, 22 a 26 de jul. 2013. Disponível em: <https://bityli.com/5r1k6>. Acesso em: 19 out. 2020.

MESQUITA, Paula. **Envelhecimento feminino: Estilo de vida, afetividade e sexualidade aos 60.** 2014. 189f. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MOTTA, Alda Britto. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento.** Cadernos Pagu, Campinas, v.13, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

NEGREIROS, Teresa Creuza de Góes Monteiro. **Sexualidade e gênero no envelhecimento.** ALCEU - v.5 - n.9 - p. 77 a 86 - jul./dez. 2004.

Oliveira EL, Rezende JM, Gonçalves JP. **História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades.** Rev Ártemis. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320>

PIMENTEL, F.S. 2005 **“Psiquê nos Domínios do Demônio – um olhar sobre a relação entre exorcismo e cura em um grupo de mulheres fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus”**. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, Nº 2: 22-34.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino**. Est. Feminist., Florianópolis, v. 20, n.2, p. 357-376, 2012.

POCAHY, Fernando. **"Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado**. Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 11, p. 122-154, Aug. 2012.

SÁNCHEZ, Ángel; GALÁN, José. **Homonormatividade y existencia sexual: amistades peligrosas entre género y sexualidad**. Revista de Antropología Iberoamericana, Madrid, v. 1, n. 1, p. 143-156, jan./fev. 2006.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. **Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si**. Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 15, Dec. 2013.

SANTOS, M. DE F. DE S. **Velhice: uma questão psico-social**. Temas em Psicologia, v. 2, n. 2, p. 123–131, 1 ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200013

Sartre, J. P. (1987). **Questão de método**. In *Coleção Os pensadores* (3a ed., pp. 109-191). São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1960).

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1997.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, C. F. S.; DIAS, C. M. DE S. B. **Violência Contra Idosos na Família: Motivações, Sentimentos e Necessidades do Agressor.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 3, p. 637–652, set. 2016.

VASCONCELLOS, D. et al. **A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas-comparação transcultural.** *Estudos de Psicologia, Natal*, v. 9, n. 3, p. 413-419, set./dez. 2004.

Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.